

O "RETORNO" DA GEOPOLÍTICA E A DISPUTA HEGEMÔNICA NA EUROPA

THE "RETURN" OF GEOPOLITICS AND THE HEGEMONIC DISPUTE IN EUROPE

SYLVIO PESSOA DA SILVA

RESUMO

Diante dos recentes acontecimentos no Leste Europeu, este artigo destaca a visão de dois pensadores contemporâneos e, resumidamente, suas teorias, no que se refere à geopolítica e à interdependência econômica. A primeira, adormecida desde o fim da Guerra Fria, e a segunda, fortalecida no mesmo período, chocam-se neste momento. Assim, buscou-se apresentar um resumo histórico do palco europeu. Na sequência, fez-se uma abordagem desse ambiente envolto pela interdependência, mas com problemas geopolíticos e históricos sem solução definitiva. O pós-Guerra Fria não alterou substancialmente as relações entre a Europa Ocidental e a Rússia, levando outros Estados à revigorada disputa geopolítica. Definitivamente, o retorno da geopolítica, em meio ao ambiente degradado pela pandemia do Covid-19 e pelas dificuldades das cadeias globais de abastecimento, impacta o grande tabuleiro internacional e a ordem mundial. A invasão russa à Ucrânia demonstra um pragmatismo político das nações, que reforça a tendência de contestação do unilateralismo norte-americano e faz ressurgir o receio de uma guerra de grande impacto mundial.

PALAVRAS-CHAVE

Geopolítica; Interdependência; OTAN; Rússia; Ucrânia.

ABSTRACT

In face of recent facts in the Eastern Europe, this article highlights the stance of two contemporary thinkers, as well as, shortly, their theories related to geopolitics and economic interdependence. The first one was asleep since the end of the Cold War, and the second one was bolstered since the same period, they clash each other at this moment. Thus, it is presented a historical summary of the European stage. In sequence, there is an approach regarding the environment embraced by the interdependence, but carried of geopolitics issues with no final solution. The post Cold War era didn't rebound substantially the international affair between Russia and Western Europe, dragging other States to the revigorated geopolitical dispute. Definitely, the revival of the geopolitics, along with the Covid-19 pandemic degraded environment and the restrictions of the global supply chains, impact the great international table and the world order. The Russian invasion of Ukraine rises a political pragmatism of the nations, reinforcing the trend to contest the North American unilateralism and reemerges the fear of a war with great impact in the world.

KEY WORDS

Geopolitics; Interdependence; NATO; Russia; Ukraine.

O AUTOR

Oficial do Serviço de Intendência da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro (AMAN,1990); Mestre em Operações Militares (EsAO, 1998) e Mestre em Ciência Militares (ECEME, 2006). Especialista em Logística Empresarial – MBA, pela FGV (2010).



1. O “retorno” da Geopolítica e a disputa hegemônica na Europa

Rússia e Ucrânia são dois países localizados no Leste Europeu, em uma região que pode ser considerada como uma das principais pontes entre a Ásia e a Europa, próximos de outras regiões estrategicamente importantes. Por aquela parte do mundo, passaram civilizações e impérios que deixaram marcas e contribuíram na formação do mosaico étnico-cultural nela existente.

O conflito entre os dois países reacende um temor, na Europa, que lança luz sobre questões adormecidas, sobretudo, em uma região de relevância estratégica. O “fantasma da guerra volta a assombrar” os europeus, porque, normalmente, vem acompanhado de questões históricas, de muitas perdas e de mudanças geopolíticas significativas.

Neste estudo, serão abordados alguns fatos históricos que culminaram no momento atual de tensão, provocada pela disputa de hegemonias globais. Para isso, é importante destacar algumas publicações selecionadas sobre a Rússia, a Ucrânia e a Europa. Por ser um conflito geopolítico moderno, oportuno relembrar a teoria do “Choque das Civilizações”, a qual contrasta com o otimismo de um mundo interdependente, mas que parece ver a globalização em xeque.

O presente artigo visa a discutir o significado do conflito na Ucrânia, como fonte de possível disputa hegemônica, tendo, como pano de fundo, elementos geopolíticos, históricos e culturais, relacionados com as partes envolvidas.

1.1 Breve histórico da trajetória europeia

Rússia e Ucrânia têm a mesma origem, no século IX, quando se formou o “Estado Kieviano ou Rus”, que amalgamava os eslavos orientais daquela região. Essa origem comum e o fato de Kiev ter sido o berço da civilização russa atual explicam muito do caráter ambivalente da relação entre os dois países (SEGRILLO, 2015, p. 99).

Do final do século XIV em diante, quando a Europa passou a ser o centro de

influência mundial, o poder hegemônico continental mudou de mão algumas vezes e apresentou diferentes cenários a cada século, influenciando e sendo influenciado pelo Império Russo. A partir desse período, o Império Russo e outros impérios europeus se confrontaram em algumas oportunidades e lançaram-se na consolidação de seus objetivos geopolíticos.

Na primeira metade do século XVII, nasceu o Estado Moderno e a “*Raison d’Etat*”¹, alterando a organização política e a organização social mundiais. No século XVIII, as Guerras Napoleônicas apresentaram a derrocada francesa e permitiram a ascensão do Império Britânico. O imperialismo e o laicismo também foram heranças da ocasião.

Cerca de um século depois, mais uma vez, outro movimento confinou o Continente em disputas políticas, a Primeira Guerra Mundial, enquanto surgia a primeira nação comunista, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Na sequência, os Estados foram levados à Segunda Guerra Mundial, alimentados por ressentimentos e disputas históricas. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, surgiu a Guerra Fria (1947), a Organização do Atlântico Norte – OTAN (1949) e o Pacto de Varsóvia (1955), isto é, o mundo se tornara bipolar.

Após as Grandes Guerras, a Europa reconstruiu seu poder econômico com o apoio dos EUA, por meio do *Plano Marshall* e de outras iniciativas, assim como ganhou força política e econômica, resultando na União Europeia (UE), que passou a incorporar países da área de influência da ex-URSS, a partir dos anos 1990. Assim, no final do século XX, após o fim da Guerra Fria (1991), a aproximação de alguns países parecia ser a fórmula de união dos povos em função da interdependência econômica.

¹“*Raison d’Etat*” ou “Razão do Estado”, princípio político bastante aplicado a partir do período do Cardeal Richelieu à frente do Estado francês, que prioriza os interesses e salvaguarda do Estado, tendo sido invocado para justificar uma ação ilegal ou imoral em nome do interesse público.

1.2 Ressentimentos, Interdependência e Geopolítica

A paz é uma condição mais normal que a guerra, mas a guerra e a paz estão unidas em sua causa. Assim, um período memorável de paz depende do resultado da guerra anterior e da imposição desse resultado. (BLAINEY, 2004, p. 298)

Nos estudos desses momentos históricos, normalmente, ficam encobertas ou caem em um segundo plano razões que vão além da política e da economia. A história deixa, por vezes, traços que podem ser reavivados em momentos como o atual, depositando outros componentes às disputas. Nesse contexto, o primeiro pensador base para este estudo, Parag Khanna², alerta que “confiança, respeito, cobiça, revanche e outras emoções humanas, todas têm análogas no mundo da política” (KHANNA, 2008, p. 23) (tradução nossa)³.

Pereira (2012) entende que, em 1914, com a Primeira Guerra Mundial, começa a ocorrer um grande cisma entre o antes e o depois europeu. Seu desfecho só ocorreria em 1945, em um mundo que acorda com a balança de poderes totalmente alterada e com uma visão geoestratégica diferente. As ideias-chave usadas pelo autor nessa afirmação, a saber, “balança de poder”, “cisma”, “antes e depois”, “geoestratégia” e “mundo diferente”, ou estavam adormecidas ou estão sendo revividas nos dias atuais.

A história está repleta de conflitos com fortes causas históricas, religiosas, étnicas e sociais. O fim de uma guerra, se trabalhado inapropriadamente, pode ser só o início do intervalo até a próxima. Ainda que questões históricas não estivessem bem resolvidas, com o fim da Guerra Fria, o mundo unipolar parecia trazer elementos com maior

capacidade de agregação do que de ruptura. A geopolítica cedia espaço às ciências econômicas de Adam Smith e de David Ricardo⁴, rompendo vínculos com o passado belicista. Para Khanna (2008, p. 21), geopolítica e globalização são antíteses. “Para simplificar, a antítese entre geopolítica e globalização é manifestada em dominação versus integração, conflito versus cooperação, hierarquia versus economia, pessimismo versus otimismo, fatalismo versus progressivismo” (tradução nossa).

Otimista da revolução que acontecia no “Segundo Mundo”⁵, o autor apresenta um mundo tripartite, com capitais em Washington, Bruxelas e Pequim (G3), com cada parte influenciando sua respectiva periferia. Por outro lado, Khanna considera que os EUA não estariam sabendo repensar o mundo com prioridades e interesses locais: “América não é mais vista como provedor de segurança, mas, pelo contrário, de insegurança”. A “América necessita rebalancear seu relacionamento com a globalização” (KHANNA, 2008, p. 7). “Com o individualismo como credo da América, sua esmagadora ênfase no interesse próprio resulta em pequena construção de confiança diplomática” (tradução nossa) (Ibid., p. 17). Nesse cenário, Rússia e Ucrânia são vistos como países do “Segundo Mundo”, ou seja, capazes de ser um dos agentes nas mudanças mundiais, com relevância regional.

O segundo pensador de relevo, Samuel Huntington (1997) não se posiciona de forma tão otimista. Para o autor, a tendência geopolítica seria a divisão do mundo pela diferença entre as civilizações, com menor capacidade de integração. Um mundo anárquico e multipolarizado ou multicivilizacional. Em sua obra, a Rússia e a Ucrânia são representadas como parte da Civilização Ortodoxa, não identificada com o Atlântico Norte (Ocidental), conforme **figura**

²Especialista em estratégia global, fundador e sócio-gerente de uma empresa de consultoria estratégica baseada em cenários e autor de diversos livros sobre o futuro da ordem mundial. Mais informações em: [https://www.paragkhanna.com/portuguese/#:~:text=Parag%20Khanna%20%C3%A9%20consultor%20%C3%ADder,the%2021st%20Century%20\(2019\).](https://www.paragkhanna.com/portuguese/#:~:text=Parag%20Khanna%20%C3%A9%20consultor%20%C3%ADder,the%2021st%20Century%20(2019).)

³Do texto original “*trust, respect, greed, revenge, and other human emotions all have analogs in world politics*”.

⁴Os dois precursores entre os teóricos da escola clássica das ciências econômicas, Adam Smith e David Ricardo tinham como visão, respectivamente, a vantagem absoluta e a vantagem comparativa.

⁵“O Segundo Mundo”, de Parag Khanna, é um livro que destaca o papel de países emergentes em um mundo conectado.

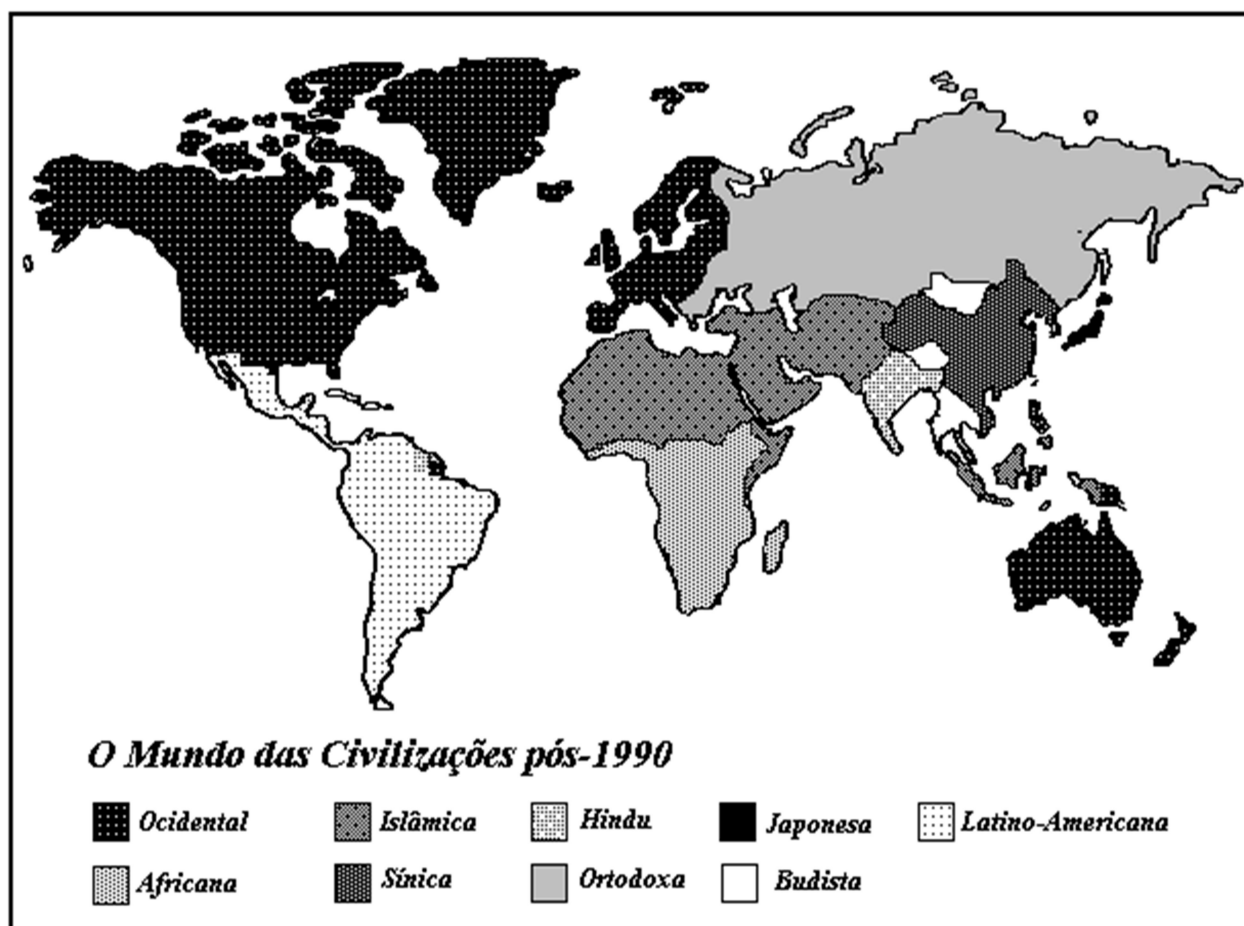
1, a seguir. Uma sinalização particular, mas com profundo significado geopolítico.

A Rússia é um país dividido, mas também é o Estado-núcleo de uma importante civilização. O sistema que sucedeu aos impérios czarista e comunista é um bloco civilizacional, que em muitos aspectos segue em paralelo ao do Ocidente na Europa [...] Enquanto a União Soviética era uma superpotência com interesses globais, a Rússia é uma potência importante com interesses regionais e civilizacionais. (Huntington, 1997, p.204)

No que se refere à interdependência entre Europa e Rússia, sabe-se que a

Alemanha tem grande parcela na construção e ampliação desse arranjo, por ser um país com importante parque industrial e com grande dependência energética. A visão da Chanceler Angela Merkel⁶ de uma integração com a Rússia acabou detida pela geopolítica dos gasodutos. Como parte dessa questão, além dos EUA, Polônia, Belarus (Bielorrússia), Ucrânia e Estados Bálticos, ex-repúblicas soviéticas, foram contra o desvio do gasoduto pelo Báltico⁷, conforme **figura 2**, em função do ambiente mais favorável ao comércio bilateral, entre Rússia e Alemanha.

Figura 1: Civilizações pós-1990



Fonte: HUNTINGTON, 1997, p. 26. Adaptado.

⁶Disponível em <https://www.politico.eu/article/vladimir-putin-german-chancellors-nord-stream-russia-energy-angela-merkel/>. Acesso em: 6 jun. 2022.

⁷Disponível em: <https://www.dw.com/en/nord-stream-2-pipeline-angela-merkels-biggest-mistake-says-donald-tusk/a-59963553>. Acesso em: 6 jun. 2022.

Figura 2: Nord Stream e Nord Stream 2

Fonte: Offshore staff⁸

A Europa tornou-se grande consumidor de gás e petróleo russo. Assim, as armas mais poderosas da Rússia deixaram de ser seu arsenal nuclear, Exército e Força Aérea, passando a ser esse comércio. As relações diplomáticas entre os países consumidores e a Rússia passaram a ter forte ligação com os contratos comerciais. Os valores das “*commodities*” ficaram condicionados ao grau de relacionamento entre os países, o que levou à busca de alternativas (GNL)⁹, dando início à construção de estruturas que permitissem a importação de outras fontes, oriundas dos EUA, grande produtor de gás, da África e do Oriente Médio. Por outro lado, a Rússia via um substituto desse comércio na China (MARSHALL, 2018).

⁸Disponível em: <https://www.offshore-mag.com/regional-reports/north-sea-europe/article/14234396/germany-halts-approval-of-gas-pipeline-nord-stream-2-gas-pipeline-after-russias-actions>. Acesso em: 6 jun. 2022.

⁹Gás natural liquefeito (GNL), *commodity* que pode ser transportada por meio de navios, entre regiões distantes e sem ligação terrestre.

1.3 O pós-Guerra Fria

Desse conflito de ideias, a transição política, ilustrada na **figura 3**, e o espólio da URSS são parte importante para o entendimento do atual cenário. A Guerra Fria chegava ao fim sem tratados e acordos formais. O Presidente Putin culpa o Presidente da URSS, Mikhail Gorbachev, pela desintegração soviética e por arruinar a segurança russa:

Uma transição na ordem mundial não gerada por um confronto aberto e direto entre as principais superpotências que ordenavam o sistema internacional na segunda metade do século passado. E, portanto, nós não tivemos um acordo de paz que estabelecesse compromissos e obrigações¹⁰. (MARSHALL, 2018)

¹⁰Professor Luiz Manuel Rebelo Fernandes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8IFpzmqtg>. Acesso em: 17 maio 2022.

Figura 3: Bandeira soviética e bandeira russa



Fonte: Oleg Lastotchkin/Sputnik; Vladímir Rodionov/Sputnik/Sputnik.

O vácuo de compreensão do que acontecia nos anos 1990 e a expansão da Europa Ocidental para leste deixaram marcas, questionamentos e sequelas, alguns parecendo ressurgir neste momento de encruzilhada para todo o Continente, como o ataque ao Embaixador russo na Polônia, Sergey Andreev, demonstrado na **figura 4**.

Figura 4: Manifestação contrária à Guerra na Ucrânia



Fonte: Associated Press.¹¹¹²

¹¹“Manifestantes contrários à guerra na Ucrânia jogaram tinta vermelha no Embaixador da Rússia na Polónia, Sergey Andreev, quando chegava ao cemitério de Varsóvia para pagar tributo aos soldados do Exército Vermelho que morreram durante a 2ª Guerra Mundial (tradução nossa) Disponível em: <https://twitter.com/AP/status/152365026235066777?s=20&t=XeJLDlrnJaGRAO9ZCwX8jA>. Acesso em: 17 maio 2022.

Do lado comunista do Continente, a “deslenização” do bloco que desabava aconteceu de forma diferente. Na Rússia, o processo “ocorreu com pouca ou nenhuma materialização. [...] A demolição de monumentos foi seletiva, e ninguém exterminou sua imagem em massa”. O sentimento, nas demais Repúblicas soviéticas, era outro, “a recusa dos símbolos soviéticos foi severa ali e, em alguns lugares, ela começou mesmo antes da queda da URSS. O primeiro monumento a Lénin foi desmontado em abril de 1990, na cidade de Tchervonograd, na atual Ucrânia”.¹²¹³

No que se refere à Europa, a “União Europeia enfrenta desafios crescentes, numa arena cada vez mais competitiva, dividida pelos interesses nacionais e transnacionais e a sua inaptidão pode levar ao seu desmembramento, podendo trazer consigo os “antigos” cavaleiros do Apocalipse” (PEREIRA, 2012, p. 4).

Quanto ao pluralismo europeu, o autor destaca a ideia de uma comunidade europeia ou da “Casa Comum Europeia”, isto é, um espaço marcado por etnias, tratadas como minorias nacionais, que se relacionam de uma forma original. “As suas diferenças, causadas pelo próprio espaço em si, fomentam um dado pluralismo, próprio europeu, onde com estes povos a unidade é possível sem que se esqueçam das diversidades” (Ibid., p. 10).

Talvez, escondidas sob o manto da globalização, essas diferenças no campo cultural pareciam ter desaparecido, abafadas pela reconstrução de identidades nacionais. No momento que a globalização é posta em xeque, Barros (2022) observa que “na esteira da euforia globalista, ideologias tidas como já sepultadas ganharam fôlego de sobrevivência e revitalizaram suas estratégias predatórias de dominação”.¹³

¹²Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/86237-adeus-lenin-o-que-mudou-com-queda-urss>. Acesso em: 12 maio 2022.

¹³Disponível em: <http://corecon-al.org.br/2022/03/28/artigo-os-estertores-da-globalizacao/>. Acesso em: 14 maio 2022.

¹⁴Segundo López e Saint-Pierre: “Na pandemia do Coronavírus, em 2020, as cadeias globais de valor

Nesse contexto de pós-Guerra Fria, a Ucrânia ficou dependente energeticamente da Rússia e a economia da parte oriental ficou atrelada ao país vizinho do leste. Nas regiões fronteiriças à Rússia, localizam-se zonas industriais de relevo, como Donetsk e Lugansk, cidades com grande população que se identifica como russa. Por outro lado, a parcela ocidental do país, que se identifica como ucraniana, viu-se atraída pela europeização. Essa divisão identitária tornou-se uma ameaça existencial aos dois países (MARSHALL, 2018). Politicamente, a Ucrânia ficou dividida e a questionada deposição do Presidente Víktor Fédorovytych Ianukóvytych (2014), pró-Rússia, precipitou o país em crises sucessivas, até chegar ao momento presente.

2. O retorno da geopolítica

Na esteira das implicações que envolveram o planeta, sob a pandemia do COVID-19, com falência da “diplomacia das vacinas” entre outros aspectos¹⁴, o conflito russo-ucraniano mostra um mundo realista e não idealista, com tendências de “desglobalização”, de fracionamento.

Sob a perspectiva europeia, a globalização fez parte do alargamento¹⁵ do que parecia ser um novo “Império Romano” ou um novo “Império Carolíngio” (Carlos Magno) com nova roupagem, tendo o expansionismo e a europeização como ferramentas de atuação, sobretudo, no seu entorno. Nesse contexto, a identidade do homem com o seu meio e a etnografia, até o presente, tinham perdido espaço.

A falta de capacidade diplomática ou o desejo de escalar a dissensão colocaram a Rússia e a OTAN em rota de colisão, fazendo romper a confrontação de duas propostas de ordem mundial, incapazes de conviver nos mesmos espaços, regredindo a interdependência, enquanto ressuscitam

temores do passado.¹⁶ Nos campos econômico e social, o traçado da fronteira entre a União Europeia e a Rússia foi reforçado em nível não visto há algumas décadas, com reflexos em todo o mundo.

Para Piccolli (2012), Rússia e Europa possuem forte vínculo histórico, estabelecido seja por interesses identitários ou ideológicos, seja pelos ideais de desenvolvimento. Em 2008, o Presidente Dmitri Medvedev lançou o Conceito de Política Externa da Federação Russa, colocando uma parceria estratégica com a Europa em evidência, a despeito do passado conflituoso e de interesses não exatamente convergentes. Na **figura 5**, é possível observar parte do resultado da aproximação entre a Europa e a Rússia, em função da demanda energética europeia.

No entanto, as relações entre as partes estavam longe de serem perfeitas. Os paradoxos não eram poucos nem desconsideráveis. A ocidentalização do Leste Europeu se chocava com: a crise econômico-social da era Yeltsin (1991-1999); a Guerra separatista da Chechênia (1994); o início da expansão da OTAN para leste (1997); a Guerra na ex-Iugoslávia (1999); a Guerra da Geórgia (2008); a anexação da Crimeia (2014)¹⁷; e a Intervenção na Síria (2015). Naquele momento, a Rússia já havia construído “a percepção de que o Ocidente não lhe deseja(va) como parceiro, mas como uma espécie de dependente, uma semicolônia, que participaria na divisão do trabalho internacional apenas como fornecedora de matérias-primas” PICCOLLI, 2012, p.18), enquanto alguns Estados Europeus temiam retornarem à condição de

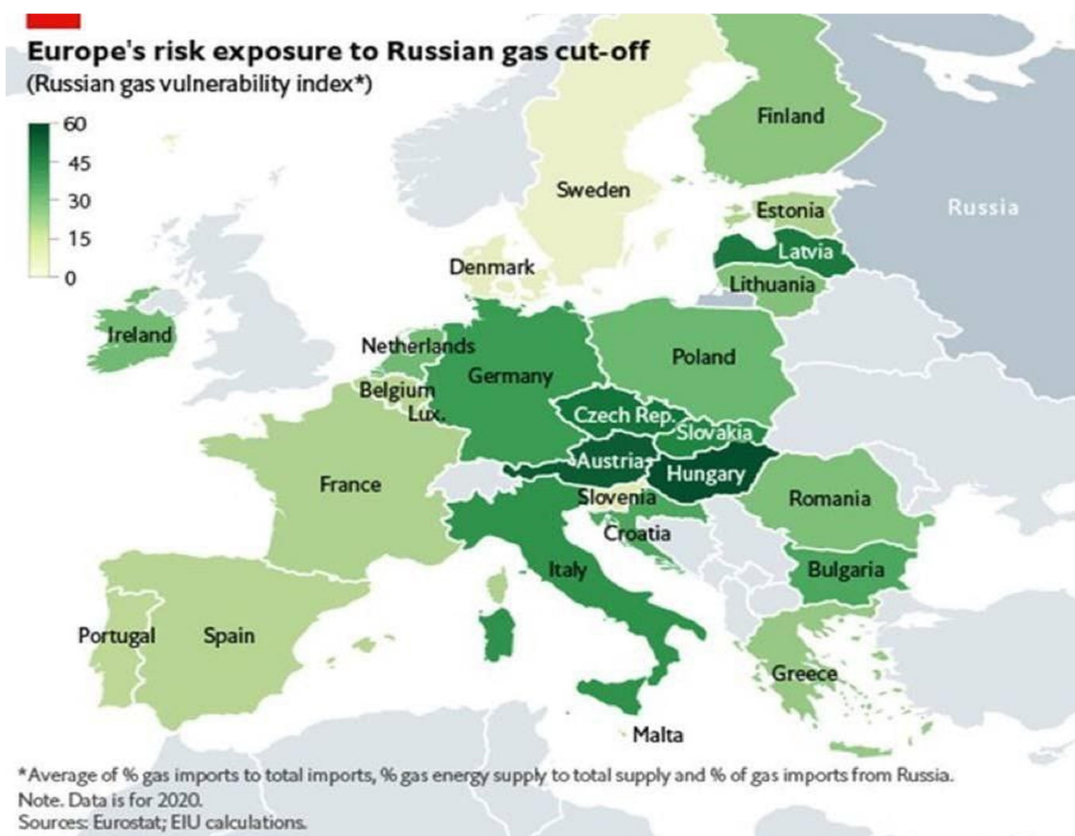
foram fortemente atingidas, interrompendo o ciclo produtivo em diversas partes do mundo”.

¹⁵ A expansão europeia se deu, eminentemente, nos campos econômico, político, militar, cultural e do pensamento.

¹⁶ Diplomata e estrategista Americano George Kennan, em sua passagem pela embaixada em Moscou, em 1946, quando afirmou, em seu Longo Telegrama, que a URSS não poderia manter “uma coexistência pacífica permanente com o Ocidente”, como resultado de sua “visão neurótica dos assuntos mundiais” e do “instinto sentimento russo de insegurança.” Disponível em <https://cebri.org/revista/br/artigo/25/pensando-a-ucrania>. Acesso em: 6 abr. 2022.

¹⁷ A Crimeia hospeda o único porto de águas mornas da Rússia, Sebastopol, uma base imprescindível para a estratégia da Marinha Russa.

Figura 5: Exposição dos riscos à Europa em caso de corte do gás russo



Fonte: *Economist Intelligence*. Disponível em:

<https://country.eiu.com/article.aspx?articleid=411900624&Country=Italy&topic=Politics&subtopic=Forecast&subsubtopic=International+relations&u=1&pid=461980429&oid=741980057> Acesso em: 4 abr. 2022.

Estado-tampão. Muitos destes temem eventos como a Revolução na Hungria (1956) e a Primavera de Praga (1968), que levaram à intervenção soviética.

A Rússia, sentindo-se ameaçada pela aproximação da OTAN¹⁸, rompeu com o “eurasianismo” da Doutrina Primakov¹⁹ e se voltou para a Ásia em preterição da Europa, resultando na operação militar na Ucrânia. Marshall (2018, p. 29) já havia alertado que a inclusão da Geórgia, da Moldávia e da

Ucrânia na OTAN “poderia desencadear uma guerra”, pois seria interpretada como uma ameaça existencial. Como consequência: um “exame de sanções” contra o Estado, contra instituições, contra autoridades e contra cidadãos russos foi desencadeado; monumentos estão sendo destruídos ou têm seus nomes alterados; a interdependência econômica prossegue agonizante; e as representações diplomáticas estão sendo reduzidas. Essa nova relação acabou extrapolando para o campo social, com cidadãos de origem russa sendo discriminados e agredidos, em diversos locais, talvez reforçada pelo renascimento dos ressentimentos.

2.1 O tabuleiro geopolítico

Para entender o conflito atual entre Rússia e Ucrânia e o cenário geopolítico que envolve os dois países, é necessário

¹⁸“A reivindicação de recuar a OTAN às suas posições anteriores a 1997 faz supor que o presidente russo busca reativar os entendimentos alcançados em Ialta, em fevereiro de 1945, por Stálin, Roosevelt e Churchill, para definir zonas de influência entre os vitoriosos.” Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/25/pensando-a-ucrania>. Acesso em: 6 abr. 2022.

¹⁹Evgueni Primakov foi Ministro das Relações Exteriores e Primeiro Ministro da Rússia, tendo participado dos governos de Michail Gorbachev e Boris Yeltsin.

relembrar algumas teorias geopolíticas de destaque histórico. Khanna sinaliza a localização por meio do entendimento de Mackinder (1861 – 1947) e de Kjellen (1864 – 1922). “Um século atrás, os estrategistas Halford Mackinder e Rudolf Kjellen se dedicaram na contenção do poder russo; o primeiro argumentava que uma aliança atlântica era a solução e o segundo indicava para uma aliança centro-europeia robusta” (KHANNA, 2008, p. 3) (*tradução nossa*).

Pensamentos como esses fizeram parte dos diversos arranjos de contenção da União Soviética. Há séculos, a Rússia luta contra a geografia desfavorável ao seu comércio, devido às dificuldades de acesso às principais rotas marítimas, e em defesa de seu território, sobretudo, na parte europeia, tendo que se relacionar com diversos países vizinhos. A fim de mitigar esses problemas, desenvolveu uma política para afastar ameaças, por meio da manutenção de países fronteiriços na sua órbita de influência, com limitada projeção de poder militar, traçando um cinturão de proteção para além de suas fronteiras físicas. Nas disputas do período da Guerra Fria, isso foi notório, quando buscava furar os bloqueios das políticas de contenção elaboradas pelos Estados Unidos.

Segundo Huntington (1997), além da política e da economia, a Rússia busca influenciar seu entorno estratégico por meio das identidades étnica, cultural e religiosa, ao tempo que gera ônus a esses países, muitos dos quais, praticamente, sem escolha. A Ucrânia não fugiu à regra, apesar de ter sido a segunda maior e mais importante república soviética. Desde 1654 até 1991, buscando a proteção dos poloneses, o país esteve independente somente entre 1917 e 1920. Em alguns momentos desse período, a parte Oeste do país esteve sob o domínio polonês, lituano ou austro-húngaro, o que contribuiu com a construção de duas identidades. O autor, ainda, relaciona a divisão do país como um dos três cenários mais prováveis, resultando na fusão da parte oriental com a Rússia.

Marshall (2018) afirma que as planícies europeias próximas da Rússia constituem fator preocupante para a defesa daquele país,

não deixando outra escolha ao Presidente Putin que não seja o controle dessas regiões. O autor destaca que o colapso da União Soviética deixou muitos russos étnicos em outros países, assim como algumas milícias, tropas e Estados neutros, pró-russos e pró-ocidentais. Desses, a maioria tornou-se membro da OTAN ou da UE. Conforme mencionado, Putin responsabiliza Mikhail Gorbachev pelo “grande desastre geopolítico do século”, a desintegração da União Soviética, ocasionando insegurança para a Rússia.²⁰

A Rússia, como todas as grandes potências, está pensando em termos dos próximos cem anos e compreende que dentro desse intervalo qualquer coisa pode acontecer. Um século atrás, quem teria adivinhado que as Forças Armadas americanas estariam estacionadas a poucas centenas de quilômetros de Moscou, na Polônia e nos Países Bálticos? Em 2004, apenas quinze anos depois de 1989, absolutamente todos os países do antigo Pacto de Varsóvia, com exceção da Rússia, estavam na OTAN ou na União Europeia. (ibid., p. 23)

À limitação geográfica, adiciona-se a política externa, principalmente, com os Estados Unidos. Durante o século XX, membros do primeiro escalão da política americana elaboraram diferentes formas de conter o avanço do comunismo e da Rússia. Entre eles, podemos destacar: John Foster Dulles, Secretário de Estado no período de 1953 a 1959, na gestão do Presidente Eisenhower; George Keenan, Embaixador dos EUA, considerado o principal estrategista norte-americano durante a Guerra Fria; Henry Kissinger, membro de diversos governos do país, Secretário de Estado entre 1973 e 1977, atuando junto aos Presidentes Nixon e Gerald Ford; e Zbigniew Brzezinski, Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente Jimmy Carter, no período de 1977 a 1980.

²⁰ Estados neutros: Uzbequistão; Azerbaijão; e Turcomenistão. Estados pró-russos: Cazaquistão; Quirguistão; Tadjiquistão; Bielorrússia; e Armênia. Estados pró-ocidentais: Polônia; Letônia; Lituânia; Estônia; República Tcheca, Bulgária, Hungria, Eslováquia, Albânia; Romênia; Geórgia; Ucrânia; e Moldávia.

O Conselheiro Brzezinski sucedeu Henry Kissinger na política de contenção da Rússia e pode ter sido o maior provocador de um desastre geopolítico russo. Tinha por objetivo desestabilizar e enfraquecer a União Soviética. Articulador da “conexão polonesa” entre Washington e o Vaticano, buscando influenciar a Polônia²¹ e o restante da Europa Oriental, procurou enfraquecer a URSS em outra frente, atraindo os soviéticos para o Afeganistão, de onde saíram, após dez anos, desmoralizados e com um império implodindo. Um Vietnã para Moscou.

Em 1979, quando Cabul estava nas mãos dos comunistas afegãos que haviam tomado o poder e movimentos armados começavam a se organizar para se oporem a eles em nome do Islã e das tradições locais, Washington reagiu pondo em ação, secretamente, uma operação cujo codinome era ‘Ciclone’, que tinha por meta apoiar ativamente os rebeldes (MAALOUF, 2020, p. 148).

Na época, os EUA eram uma potência muito maior e puderam trabalhar sem a necessidade de grande apoio de uma Europa em crise.²² Após a invasão, ocorrida em 24 de setembro de 1979, o apoio aos *mujahedins* se estruturou no ano de 1980, mas desde antes da invasão, em julho de 1979, o Presidente Carter já havia assinado “a primeira diretiva de assistência clandestina aos adversários do regime pró-soviético de Cabul”, segundo o Conselheiro Brzezinski (Ibid., p.149). Apesar do grande protagonismo e da capacidade político-econômico-militar, o Conselheiro percorreu “o mundo, da China ao Egito, da Inglaterra ao Paquistão, para obter apoio de todos aqueles a quem a invasão soviética inquietara” (Ibid., p.150). Da Arábia Saudita, obteve armas, dinheiro e homens, entre eles, Osama Bin Laden.

²¹ Brzezinski era polonês, o que teria ajudado na aproximação com o Vaticano, sob o papado de João Paulo II, e no movimento Solidariedade, dirigido por Lech Walesa.

²² À época, final dos anos 70 e início dos anos 80, a Europa sofria com o terrorismo no Continente, com a Guerra Fria *in loco*, com questões sindicais-trabalhistas, com os reflexos das crises do petróleo.

A partir de 1991, a OTAN apresentou uma política de alargamento e uma postura ofensiva. A expansão para o leste terminaria com a possibilidade de uma região tampão entre a Europa Ocidental e a Rússia. A Rússia alega que a OTAN teria prometido não avançar, mas a OTAN nega ter ofertado qualquer garantia (MARSHALL, 2018). Com o passar do tempo, de uma colaboração entre Rússia e OTAN, verificou-se o recrudescimento de tensões nos diversos campos do poder.

A reavivagem da geopolítica, no Leste Europeu, é um sinal do fracasso dos acordos de Budapeste (1994) e de Minsk I (2014) e Minsk II (2015), em meio às disputas e aos distúrbios entre ucranianos pró e contra a Rússia.

De acordo com o Memorando de Budapeste, EUA, Rússia, Ucrânia e Grã-Bretanha concordaram em não ameaçar ou usar força contra a integridade territorial ou independência política da Ucrânia ou pressionar o país economicamente. A Rússia, no entanto, afirma que o envio de soldados à Ucrânia visa à proteção dos cidadãos russos.²³

Entre outras questões, Minsk I previa:

a adoção de uma ‘lei sobre o estatuto especial’ das duas regiões que haviam proclamado a independência, e que descentralizaria temporariamente o poder em Lugansk e Donetsk; a realização de eleições locais, e ‘um diálogo inclusivo em nível nacional’. Apesar de se ter realizado a troca de prisioneiros e de ter havido uma redução temporária do conflito, o acordo fracassou, com violações realizadas por ambas as partes.²⁴

Minsk II tentou remediar o fracasso de Minsk I:

Minsk II previa uma nova Constituição ucraniana, na qual se reconheceria a descentralização das regiões e, em

²³ Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/14441/Entenda-as-razoes-da-Russia-para-a-crise-na-Ucrania/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

²⁴ Disponível em: <https://www.dn.pt/internacional/o-que-sao-os-fracassados-acordos-de-minsk-que-macron-tenta-recuperar-14592597.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

especial, as peculiaridades de Donetsk e Lugansk, garantindo, entre outras coisas, o direito à ‘autodeterminação linguística’; a nomeação de procuradores e juizes com a intervenção das autoridades locais; ‘cooperação transnacional’ entre as regiões ocupadas e as regiões da Rússia com o apoio das autoridades centrais; direito dos parlamentos locais em criar milícias populares. Em contrapartida, a Ucrânia retomaria o controle da fronteira (já sem zona-tampão) antes de todos os passos do acordo serem concluídos e realizar-se-iam eleições nas duas regiões sob os padrões da OSCE.

Na sequência, em 2016, na “Estratégia Militar global da Rússia, [...] pela primeira vez, os Estados Unidos foram chamados de “ameaça externa” para os russos” (MARSHALL, 2018, p.36). Definitivamente, a aproximação das últimas décadas, entre a Rússia e o Ocidente tinha sido contida.

Fracassada a tentativa de manter o país vizinho dentro de sua esfera de influência e de contornar os novos gasodutos, evitando a Europa Central, restou a confrontação. Desde 2014, Rússia e Ucrânia estão em uma séria crise que alcançou o seu ápice recentemente. Após a ocupação da Ucrânia, várias sanções têm sido impostas à Rússia. A Ucrânia perdeu a soberania sobre a Crimeia e passou a enfrentar um movimento separatista na Região do Donbass, localizada na parte Leste, junto à Rússia. “Parte dos ucranianos, principalmente os que vivem no Leste do país, deseja ter laços com o “Grande Irmão” russo...” (SEGRILLO, 2015, p. 99).

3. O conflito na Ucrânia

“Para a elite da política externa russa, [...] a filiação da Ucrânia à OTAN representa uma linha que não pode ser transposta” (MARSHALL, 2018, p. 30). No dia 24 de fevereiro de 2022, a Rússia deu início à denominada “Operação Especial Militar” na Ucrânia, em apoio e com o apoio dos separatistas do Leste ucraniano, o que parecia um conflito regional com características identitárias. No contexto mais amplo, a Rússia alega ameaças à existência do país e

de seu povo.²⁵ A partir do Leste Europeu, o conflito tomou dimensões impactantes para todo o mundo, desencadeando diversas ações e reações em diversos campos e níveis.

O governo da Ucrânia invoca o seu direito de Estado, respeito à sua soberania e à sua integridade territorial, reconhecidas pela comunidade internacional, apelando para o Direito Internacional, reforçando sua posição de poder escolher o seu próprio futuro. A autodeterminação era o princípio apresentado para que o país pudesse optar pela adesão à OTAN e à UE. O primeiro desejo foi renunciado e o segundo é uma esperança.

O conflito entre a Rússia e Ucrânia, dois países com as mesmas raízes históricas, tem atores exógenos importantes. Com forte apoio da OTAN, sem o qual teria imensa dificuldade de atuar, a Ucrânia resiste ao poder militar russo, enquanto a Rússia busca fortalecer outras parcerias, fugindo das sanções impostas, na tentativa de fortalecer o BRICS e as relações bilaterais com outros países.

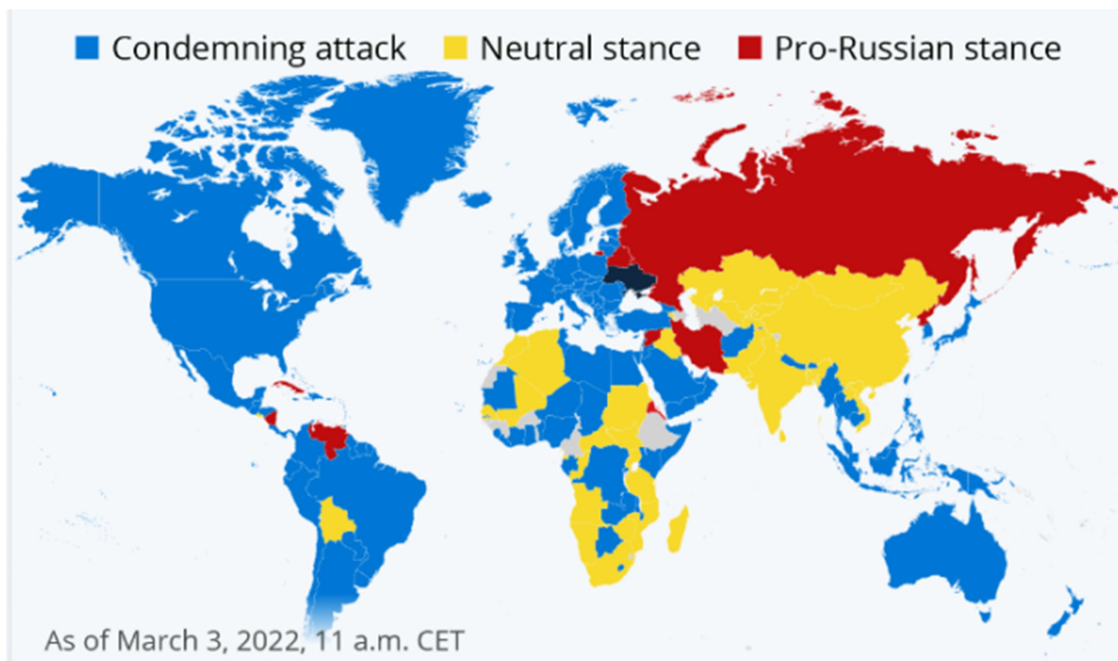
Nessa fotografia da geopolítica mundial, nem todos os Estados estão do mesmo lado. A maioria incontestemente dos Estados-membros da Organização das Nações Unidas, na votação do dia 2 de março de 2022, condenou a invasão do território ucraniano, conforme se pode ver na **figura 6**. No entanto, os países neutros e os que votaram a favor da Rússia demonstraram que o mundo unipolar já não tinha tanta força.

Assim, corroborando a contestação em desfavor do poder norte-atlântico, somente Austrália, EUA, Canadá, Coreia do Sul, Japão, Nova Zelândia, Reino Unido, União Europeia e Taiwan adotaram sanções contra a Rússia de imediato, conforme **figura 7**. Na prática, representa uma clara demonstração do alinhamento entre EUA, seus principais aliados anglo-saxônicos, asiáticos e europeus, mas um enfraquecimento da diplomacia Washington- Bruxelas na África, na América Latina e na Ásia.

²⁵ Disponível em:

<https://www.reuters.com/world/europe/russias-putin-authorises-military-operations-donbass-domestic-media-2022-02-24/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

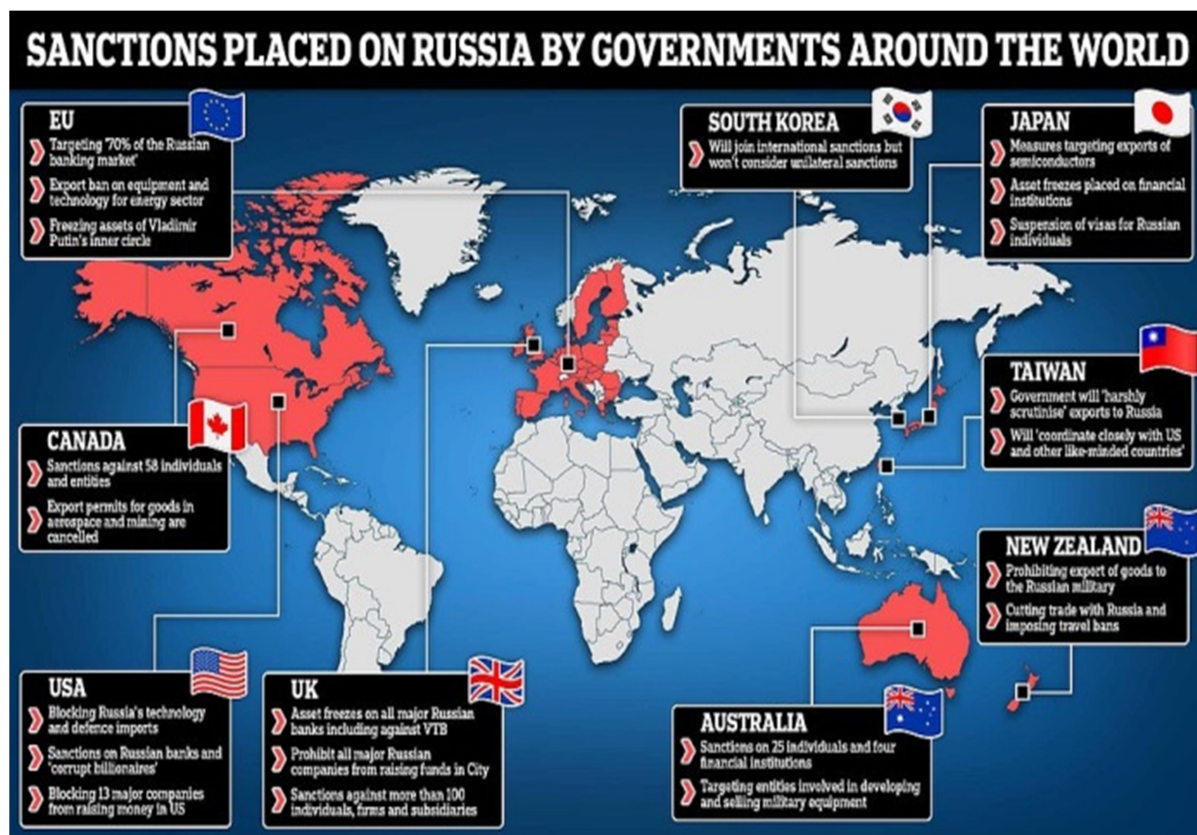
Figura 6: Estados que condenaram a invasão da Rússia à Ucrânia



Fonte: Statista

Disponível em: <https://www.statista.com/chart/26946/stance-on-ukraine-invasion/>. Acesso em: 2 de jun. de 2022.

Figura 7: Estados que aderiram às sanções contra a Rússia prontamente



Fonte: Mail Online

Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-10550811/How-Russia-sanctioned-world-Ukraine-invasion.html>. Acesso em: 2 jun. 2022.

4. Considerações Finais

A movimentação das tropas russas para o interior da Ucrânia recuperou a diplomacia dos Estados Unidos junto à Europa, por meio da OTAN. Chamado de “organismo obsoleto”²⁶, em 2017, inclusive, com “morte cerebral”²⁷, decretada, em 2019, a situação da Aliança à época contrasta com o momento atual, de movimentação nos quartéis-generais. Embora muito tenha sido discutido a respeito de questões geopolíticas, envolvendo a autonomia estratégica da Europa e o papel da OTAN²⁸, a visão de fragilidade identificada com a saída da Organização do Afeganistão deve ser ultrapassada.

Imediatamente, EUA e Europa se aproximaram da Ucrânia, cujo presidente passou a participar de importantes fóruns políticos, dando início a uma ajuda militar que lembra o período da Guerra Fria. Economicamente, a Ucrânia passa por severas dificuldades e pode se tornar um Estado fragilizado, inclusive, com a probabilidade de perda de parte de seu território, embora, de forma inédita, obtenha diversas ajudas e promessas dos países da UE e da OTAN, por meio da política de portas abertas. Até o presente, o país sobrevive pela ajuda política, financeira, material e militar.

Uma grande parte do território europeu também sofre com o conflito. A crise atual, enquanto abriga milhões de refugiados ucranianos,²⁹ começa a ser comparada com a dos anos 1970 e 1980. A crise energética pode gerar desemprego e recessão, reforçando a ideia anti-Rússia; porém, é nítida a falta de unidade quanto às resoluções, o que pode provocar mais questionamentos e dissensões. Recentemente,

em 15 de junho, a Presidente da UE, Ursula Von der Leyen, esteve em visita à Índia³⁰ e ao Egito³¹, como parte do esforço diplomático desenvolvido para amenizar os efeitos da crise. Em função das sanções, a Rússia deixou de ser um grande fornecedor de importantes *commodities*.

A OTAN ampliou o treinamento ofertado aos militares da Ucrânia, garantindo a manutenção do apoio ao país, podendo agregar mais dois membros com a possível adesão da Suécia e da Finlândia. Ainda, anunciou o aumento do efetivo da força de resposta na Europa. Por outro lado, vê-se envolta em discussões sobre o emprego de armas nucleares e de aumento de gastos com defesa em um momento econômico de crise. Na esteira dos acontecimentos, a OTAN divulgou seu *Conceito Estratégico 2022* com mudanças significativas.³²

De acordo com esse documento, a Rússia não é mais um parceiro, ainda que seja mantido um canal de comunicação entre as partes. Apesar do terrorismo, da instabilidade na África e no Oriente Médio, das pretensões e da influência da China, da mudança climática e de outras ameaças, a Rússia tornou-se o desafio mais significativo, por ameaçar a segurança da Região “euro-atlântica” diretamente.

A Rússia busca consolidar a influência que tinha sobre a Crimeia, Donetsk e Lugansk. No plano econômico, após forte impacto, o país encontrou outros meios para manter o comércio e ampliar suas receitas. Nesse contexto, as relações com os países do BRICS têm sido fundamentais, em particular, a aliança sino-russa e o *System for Transfer of Financial Messages (SPFS)*³³, criado em

²⁶ Expressão usada por Donald Trump (Marshall, 2018), em 2017, quando era presidente dos EUA.

²⁷ Expressão usada pelo Presidente Emmanuel Macron, em declaração de julho de 2019.

²⁸ Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/international/le-president-francais-emmanuel-macron-juge-l-otan-en-etat-de-mort-cerebrale-20191107>. Acesso em: 10 jul. 2022.

²⁹ Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine>. Acesso em: 13 jul. 2022.

³⁰ Disponível em: <https://www.dw.com/en/eus-von-der-leyen-tries-to-woo-india-away-from-russia/a-61589853>. Acesso em: 4 jun. 2022.

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZbQiyksd8gg>. Acesso em: 20 jun. 2022.

³² Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/otan/noticia/44884/OTAN-diz-que-apoiara-Ucrania-%E2%80%99Cenquanto-for-preciso%E2%80%99D-e-EUA-ampliam-presenca-militar-na-Europa/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

³³ Disponível em: <https://cyberft.com/about/comprasion/spfs#:~:text=Sy>

2014, que passou a ser uma alternativa para a *Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication, Swift*.³⁴ A economia do país foi um dos grandes alvos da OTAN e da UE, sem precedentes.

Tendo como uma das consequências o conflito na Europa Oriental, o mundo sofre com a guerra devido à insegurança alimentar, à crise energética e ao enfraquecimento da recuperação econômica. O recuo da interdependência dos atores citados tende a fortalecer as disputas geopolíticas em outras regiões, mas o fator político-militar, desta vez, deve ser avaliado com o econômico. Diferentemente do que acontecia até bem pouco tempo, hoje, há outros centros de poder econômico que contribuem para a diminuição da hegemonia norte-atlântica.

5. Conclusão

O conflito na Ucrânia interrompeu a parceria econômica, desenvolvida desde o fim da União Soviética, entre Rússia e Europa. Assim, a Ucrânia deixou de ser área de interesse de russos, europeus e norte-americanos para se transformar na área do embate geopolítico que se espalha pelo mundo, em ondas, pelo questionamento da ordem política internacional vigente.

No atual cenário europeu, além das disputas políticas e econômicas, a história ressuscita questões mal resolvidas, colocando o concerto europeu das nações em xeque. Nos campos político, militar e econômico, a ruptura presente marca o momento de contestação ao mundo, supostamente, unipolar, regido por um único país.

Por outro lado, a proposta russa de um mundo “multipolar” deu novo impulso à aliança militar do Ocidente, enquanto

enfraqueceu a projeção econômica de Moscou com o restante da Europa. O conflito é uma tentativa de barrar o avanço de países do Ocidente sobre territórios controlados pelo Pacto de Varsóvia, no passado.

A possibilidade de “desglobalização” ou de fracionamento da globalização demonstra o que Parag Khanna percebeu bem: o antagonismo “geopolítica *versus* interdependência”. Para além, quando choques civilizacionais voltam a ocorrer na Europa, é momento de destacar o pensamento de Samuel Huntington. Os laços entre Rússia e Europa foram, mais uma vez, rompidos e substituídos pela tensão OTAN *versus* Rússia.

Enquanto a Rússia se posiciona como potência, a Europa como guardião regional e a OTAN como escudo ocidental, a Ucrânia sofre com perdas difíceis de serem contabilizadas, tornando-se campo de provas de potências e seus armamentos. Após um conflito interno e identitário, sua população está em meio a uma densa diáspora, sua economia retrocede e seu território está, parcialmente, amputado.

O “susto” da invasão gerou sanções à Rússia e aos russos, aumento de investimentos em defesa por parte da Europa, mesmo diante de uma grande crise econômica, exposição da fragilidade da defesa europeia, insegurança energética e alimentar para o mundo, entre outras consequências.

No contexto social, há um processo de “desrussificação” e de “exacerbação de sentimentos nacionalistas”, apoiados por forte campanha midiática ocidental. O atual momento expõe o pragmatismo geopolítico e reaviva ressentimentos históricos e étnicos. A antagonista expressão “mundo sem fronteiras” criou uma visão opaca da realidade das relações entre nações e Estados. Ao reinterpretar as atuais relações internacionais, percebe-se que o identitarismo, a geopolítica e os ressentimentos permanecem vivos e ativos, mesmo nas regiões mais desenvolvidas do mundo. A “Razão do Estado” prevalece à visão de comunidade das nações.

[stem%20for%20transfer%20of%20financial%20messages%20\(SPFS\)%20is%20a%20E2%80%9CBanking%20Messages%20and%20MT%20formats](https://www.societyswift.com/transfer/financial%20messages%20(SPFS)%20is%20a%20E2%80%9CBanking%20Messages%20and%20MT%20formats). Acesso em: 13 jul. 2022.

³⁴ *Swift* é a sigla para Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais. A empresa, com sede em Bruxelas-Bélgica, foi criada em 1973, para substituir as comunicações por Telex. Hoje, estão conectadas ao sistema *Swift* mais de 11 mil instituições financeiras de mais de 200 países e territórios.

O avanço da OTAN para leste foi traduzido pela Rússia como uma “ameaça existencial”. No entanto, sua proximidade geográfica com a Ucrânia foi, também, assim interpretada por este país e pela Aliança norte-atlântica. Um desafio diplomático de grande complexidade para as nações e para a integração dos povos. Entender o papel de cada país, nesse tabuleiro estratégico, é, portanto, essencial, cabendo às lideranças buscar o entendimento e a boa vontade entre os povos, ainda que a geopolítica seja determinante nessa questão.

O fato é que o conflito regional agrava a crise mundial dos anos 2020, dificultando a compreensão dos destinos das partes envolvidas. Provavelmente, as consequências desse evento tendem a reverberar no mundo, impactando, especialmente, o prisma energia, comércio e Defesa.

Referências

- AVÓ, Cesar. Diário de Notícias. **O que são os fracassados acordos de Minsk que Macron tenta recuperar?** Disponível em: <https://www.dn.pt/internacional/o-que-sao-os-fracassados-acordos-de-minsk-que-macron-tenta-recuperar-14592597.html>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- BARROS, Jorge. CORECON-Conselho Regional de Economia. **Os Estertores da Globalização.** Disponível em: <http://corecon.al.org.br/2022/03/28/artigo-os-estertores-da-globalizacao/>. Acesso em: 14 maio 2022.
- BUCHHOLZ, Katharina. Statista. **Where Russia's Attack on Ukraine Was Condemned.** Disponível em: <https://www.statista.com/chart/26946/stance-on-ukraine-invasion/>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- CyberFT. *Universal system for financial data exchange and electronic documents workflow. Bank of Russia's System for Transfer of Financial Messages (SPFS).* Disponível em: [https://cyberft.com/about/comprasion/spfs#:~:text=System%20for%20transfer%20of%20financial%20messages%20\(SPFS\)%20is%20a%20%E2%80%9C,Bank%20Messages%20and%20MT%20formats](https://cyberft.com/about/comprasion/spfs#:~:text=System%20for%20transfer%20of%20financial%20messages%20(SPFS)%20is%20a%20%E2%80%9C,Bank%20Messages%20and%20MT%20formats). Acesso em: 13 jul. 2022.
- DefesaNET. **Entenda as razões da Rússia para a crise na Ucrânia.** Disponível em: <https://www.defesnet.com.br/geopolitica/noticia/14441/Entenda-as-razoes-da-Russia-para-a-crise-na-Ucrania/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- DefesaNet. **OTAN diz que apoiará Ucrânia “enquanto for preciso” e EUA ampliam presença militar na Europa.** Disponível em: <https://www.defesnet.com.br/otan/noticia/44884/OTAN-diz-que-apoiara-Ucrania-%E2%80%9Cenquanto-for-preciso%E2%80%9D-e-EUA-ampliam-presenca-militar-na-Europa/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- DW Made for Minds. **EU's Von der Leyen tries to woo India away from Russia.** Disponível em: <https://www.dw.com/en/eus-von-der-leyen-tries-to-woo-india-away-from-russia/a-61589853>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- DW Made for Minds. **Nord Stream II pipeline Angela Merkel biggest mistake, says Donald Tusk.** Disponível em: <https://www.dw.com/en/nord-stream-2-pipeline-angela-merkels-biggest-mistake-says-donald-tusk/a-59963553>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- Economist Intelligence. Disponível em: <https://country.eiu.com/article.aspx?articleid=411900624&Country=Italy&topic=Politics&subtopic=Forecast&subsubtopic=International+relations&u=1&pid=461980429&oid=741980057>. Acesso em: 4 abr. 2022.
- FERNANDES, Luiz Manuel Rebelo. **Guerra da Ucrânia – Entrevista.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8IFfpzmqtg>. Acesso em: 17 maio 2022.
- HUNTINGTON, Samuel. **O Choque das Civilizações e a recomposição da ordem mundial.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- KARNITSCHNIG, Matthew. POLITICO. **Why Merkel chose Russia over US on Nord Stream 2.** Disponível em: <https://www.politico.eu/article/vladimir-putin-german-chancellors-nord-stream-russia-energy-angela-merkel/>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- KHANNA, Parag. **The Second World. How emerging powers are redefining global competition in the twenty-first century.** USA: Random House Trade Paperback Edition, 2008.
- Le Figaro. **Pour Emmanuel Macron, l'Otan est en état de «mort cérébrale».** Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/international/le-president-francais-emmanuel-macron-juge-l-otan-en-etat-de-mort-cerebrale-20191107>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- LÓPEZ, Ernesto; SAINT-PIERRE, Héctor (Orgs.). **Guerra em Ucrânia e Crise Internacional.** São Paulo: Gedes, 2022.
- MAALOUF, Amin. **O naufrágio das Civilizações.** São Paulo: Vestígio, 2020.
- MARQUES, Renato L. R. **Pensando a Ucrânia.** CEBRI-Revista; 2022. Disponível em:

<https://cebri.org/revista/br/artigo/25/pensando-a-ucrania>. Acesso em: 6 abr. 2022.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
Offshore. *Germany halts approval of gas pipeline Nord Stream 2 after Russia's actions*. Disponível em: <https://www.offshore-mag.com/regional-reports/north-sea-europe/article/14234396/germany-halts-approval-of-gas-pipeline-nord-stream-2-gas-pipeline-after-russias-actions>. Acesso em: 6 jun. 2022.

ONU. ACNUR. *Operational Data Portal. Ukraine Refugee Situation*. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine>. Acesso em: 13 jul. 2022.

OSBORN, Andrew; NIKOLSKAYA, Polina. *Russia's Putin authorises 'special military operation' against Ukraine*. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russias-putin-authorises-military-operations-donbass-domestic-media-2022-02-24/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

OTAN. *Nato 2022 Strategic Concept*. Disponível em: <https://www.nato.int/strategic-concept/#StrategicConcept>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PEREIRA, Luís Pedro Firmino Mira. **Uma Análise Geopolítica da União Europeia do Século XXI**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa: 2012. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/4372>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PICCOLLI, Larlecianne. **Europa enquanto condicionante da política externa e de segurança da Rússia: o papel da defesa antimíssil**. 2012. 71 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70019>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos**. São Paulo: Contexto, 2015.

SINELSCHIKOVA, Ekaterina. *Russia Beyond BR. Adeus, Lênin: O que mudou imediatamente com a queda da URSS?* Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/86237-adeus-lenin-o-que-mudou-com-queda-urss>. Acesso em: 12 maio 2022.

YouTube. *President von der Leyen in Egypt*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZbQiyksd8gg>. Acesso em: 20 jun. 2022.